



## AQUISIÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM: DA FALA PARA A ESCRITA

Jéssica Daiani Zimmer BULOW<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo discute aspectos da linguagem, aspectos esses fundamentais para que o desenvolvimento da linguagem falada ou escrita aconteça de forma harmoniosa. A aquisição do processo da fala ocorre de maneira natural, onde que a criança não percebe ou se esforce para tal, assim como é o ato de andar, entende-se que os fatores maturacionais para o desenvolvimento da linguagem oral necessitam de estímulos e vivências para que, espelhada, seja ativado pela interação social o verbal. A aquisição da forma e do conteúdo do uso da linguagem assumem papel de importância neste contexto, onde a criança sente a necessidade do domínio dos códigos. Não são raros os problemas que podem interferir neste processo, e que podem também prejudicar as crianças na fase escolar. A língua é viva, e quando se tenta domesticar o que não é domesticável, a linguagem, é gerado alguns problemas que, na sua grande maioria, poderiam ser evitados ou não gerados. Entender as contribuições que a linguística traz para o ensino de Língua Portuguesa é compreender que a linguagem escrita precede da vida do indivíduo.

**Palavras-chave:** Linguagem; Fala; Escrita.

## INTRODUÇÃO

Nosso Brasil é um país gigante, cheio de diversidade e miscigenação. Como pode esse país com uma população, crenças, costumes e economia tão distintas de norte a sul, falar uma mesma língua e mesmo assim não ser compreendida ou reconhecida? Infelizmente, não passam de meios fracassados de moldar e domesticar o que não é domesticável, a linguagem; de enquadrar o que não se cabe em um único formato.

A aquisição e desenvolvimento da linguagem compete ao processo pelo qual os seres humanos adquirem a capacidade de compreender e utilizar uma determinada língua.

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-graduação em Letras, área de concentração em Linguagem e Sociedade.



De acordo com Busse (2015), com toda a sua dinamicidade e complexidade, a língua organiza e acomoda os processos de interação do homem, seja entre homem/homem ou homem/meio e por isso pode ser tomada como fator de expressiva representação da história da humanidade.

Esse processo começa desde o nascimento e continua ao longo da infância e adolescência, à medida que as crianças aprendem a ouvir, imitar, entender e produzir sons, palavras e frases (BARBIRATO, 2011). Durante essa jornada, as crianças desenvolvem não apenas a proficiência na língua falada, mas também aprendem a ler e escrever, expandindo ainda mais suas habilidades linguísticas.

Importante pontuar que esse processo de aquisição e desenvolvimento ocorre de forma natural, impulsionado pela interação social, imersão na língua e sua utilização prática em diferentes contextos.

Coseriu (1988, p. 18), reitera que uma linguagem pode ser contemplada e inserido como “[...] uma instituição em equilíbrio, não estática, mas dinâmica” na condição de existência as ideias que nela a realidade registra.

Segundo Pinker (2003), afirma que a aquisição da linguagem é um processo natural que ocorre de forma quase inconsciente nas crianças, assim como aprender a andar ou a reconhecer rostos.

Além disso, Kato (1987) argumenta que a aquisição da linguagem oral acontece de forma inconsciente e natural para a criança, assim como aprender a andar. Para que esse processo ocorra, é necessário que a criança esteja livre de quaisquer deficiências que possam interferir no seu desenvolvimento e tenha contato com pessoas que se comunicam verbalmente. Em outras palavras, os fatores maturacionais para o desenvolvimento da linguagem oral necessitam ser ativados pela interação verbal/social.

A aquisição da linguagem é um processo fascinante e complexo que ocorre desde os primeiros meses de vida. Através da interação com falantes e com o meio ao seu redor, vão gradualmente desenvolvendo suas habilidades



linguísticas, adquirindo vocabulário, compreendendo as regras gramaticais e aprendendo a se expressar de forma cada vez mais eficiente.

Esse processo é único para cada indivíduo e reflete a riqueza da natureza humana na capacidade de se comunicar.

## Situando-se temporalmente

Levando em consideração a longa história da humanidade, podemos dizer que a escrita é uma invenção recente, com aproximadamente 5000 anos (ROJO, 2006).

Rojo (2006) afirma que, a escrita não é, embora muitos creiam nisto, uma transcrição da fala, não é um código de transcrição. Ao contrário, como bem lembrava Emília Ferreiro (1986), a escrita elege alguns sinais gráficos para representar alguns aspectos (sons, pausas, entonações) da fala, mas não outros.

Uma transcrição mais exata da fala só pode ser obtida por meio do alfabeto fonético, mas não por meio da escrita alfabética convencional. Logo, a escrita é um processo de representação e não de transcrição, que exige análise (ROJO, 2006).

A escrita alfabética da Língua Portuguesa é um sistema de representação escrita, por meio dos grafemas, dos segmentos sonoros presentes na fala, assim, conforme Cagliari (2009, p. 101), “[...] é uma ilusão pensar que a escrita é um espelho da fala. A única forma de escrita que retrata a fala, de maneira a correlacionar univocamente letra e som, é a transcrição fonética”.

O autor acrescenta que pelo fato de a escrita não espelhar a fala é o que dificulta a relação entre os sons e letras. Embora a escrita tenha sido inicialmente concebida com o propósito de representar a fala, ela não pode ser considerada transparente devido às influências das marcas dialetais, variações estilísticas e às constantes mudanças na língua.



Ao olhar para a língua e o aprendizado desta, precisamos olhar para a opacidade ou transparência que ela apresenta, entendendo por língua transparente aquela que cada letra tem um som para representá-la, já a língua opaca é aquela que possui um mesmo som, representado por mais de uma letra, neste caso, tendo que conhecer a etimologia da palavra, recorrendo-se ao dicionário, para tal.

O Português Brasileiro, não é uma língua totalmente transparente, pois carrega em seus grafemas sons distintos, pode ser citado aqui, dois sons representado por uma única letra: [d] – D, [dz] – D; como também [k] – C, K, QU e [f] – F; assim como sons diferentes para o mesmo fonema em [g] – G, GU e [z] – G, J; sem entrar ao mérito de dígrafos e fonemas com alternâncias [s] – S, SS, Ç, X, SC, SÇ, SX, XC, XS.

Assim, na memória etimológica toma como critério para fixar a forma gráfica a origem dessas. A memória etimológica relativiza o princípio geral da escrita alfabética: representação arbitrárias, ou seja, não há nenhum amparo para saber se é com J ou com G, por conta da sonoridade e sem regras prévias, após olhar para a etimologia, há compreensão quanto ao motivo da escrita ser com uma consoante ou outra.

O grande objetivo da ortografia é neutralizar a fala, visto que há diferentes formas de pronúncia, mas a escrita, necessita ser neutra, para ser compreendida em todas as regiões falantes dessa língua.

## A Língua no contexto social

A língua é social, cuja existência surgiu da necessidade da comunicação (Bakhtin, 2004). O modernismo contribuiu para aproximar nossa língua escrita do falar cotidiano do Brasil, adotando a posição de que lidamos hoje com práticas diferentes de letramento e oralidade, Marcuschi (2003), reforça que as variações e manifestações linguísticas correntes são determinadas pelos usos que fazemos da língua e que, a partir dessa premissa, o objeto central de suas



investigações será o que fazemos com a linguagem, ou seja, analisará as formas a serviço do uso.

A escrita tornou-se um bem social indispensável, símbolo de educação, desenvolvimento e poder, alcançando um valor social superior à oralidade e servindo muitas vezes como forma de discriminação. A fala é adquirida naturalmente em contextos informais, no dia a dia, enquanto a escrita é adquirida formalmente, através da escola.

A Linguagem é associada diretamente com a educação e entendemos a educação como uma prática social, uma atividade específica dos homens situando-os dentro da história, ela não muda o mundo, mas pode ser mudado pela sua ação na sociedade e nas suas relações, como menciona Fracaro (2012), que a aquisição da linguagem de caráter inato da pessoa, o seu aspecto cognitivo, bem como o caráter sociointeracional como um fator relevante na vida das crianças.

A Sociolinguística estabelece relação entre língua e sociedade (CAGLIARI, 2000). Já a Linguística histórica estabelece e se preocupa com a história da língua, a alteração ao longo do tempo, analisa documentos escritos, em outras palavras, ressureição de vozes. Neste sentido a variação e mudança são intrínsecas a toda a língua humana.

Quando se fala de uma língua estática, se fala de uma língua morta. Nessa continuidade a língua morta é quando os nativos deixam de falar ela, e passa a permanecer só em registro, e neste sentido permanece apenas em alguns contextos e sem mudanças.

Os falantes normalmente não têm noção de que a língua está mudando, as mudanças embora contínuas, são sempre lentas, desta maneira, nem sempre é percebida. As mudanças atingem partes, e nem sempre o todo. As culturas que operam com a escrita, realidade inerente mais estável e permanentemente da fala, desenvolvem um padrão de língua que, codificado em gramática e transmitido pela escola, adquire um estatuto de estabilidade e permanência



maior que outras variedades que não estejam em registros escritos (BONÁCIO, 2021).

Porém há situações em que os falantes acabam por perceber a existência de mudanças. Exemplos: Quando são expostos a textos muito antigos escritos em sua língua; quando convivem mais de perto com falantes bem mais jovens ou bem mais velhos; quando interagem com pessoas de classes sociais que têm estado excluídas da experiência escolar e da cultura escrita, ou a elas têm pouco acesso; quando escrevem ou encontram dificuldades para se adequar a certas estruturas do modelo de língua cultivado socialmente na escrita.

Todas as línguas tem uma gramática, pois elas têm uma estrutura, a diferença é as regras entre elas. As variedades prestigiadas constituem-se de normas, norma culta, que representa um ideal de língua cultivado pela elite intelectual, pelo sistema escolar, pelos meios de comunicação social, e que irá ocorrer preferencialmente na escrita.

## **A Fala, uma análise heterogênea**

Na compreensão das hipóteses e na própria concepção do sistema de escrita, é fundamental distinguir fala e língua (Oliveira 2005).

A fala é espontânea, e individual, e conforme PACHECO (2008), capacidade comunicativa oral é inata ao ser humano, o que significa dizer que o homem a desenvolve sem a necessidade de um ensino sistematizado.

Outro fato a ser mencionado é de que as pessoas falam de forma diferente, não há uma homogeneidade entre todos os falantes, mesmo estamos sob a mesma língua oficial, e isso se justifica seja motivada pelas diferenças regionais, faixa etária, grau de escolaridade, situação socioeconômica, dentre outros. Assim mesmo e apesar de diferenças visíveis, existe compreensão, pois falam a mesma língua.

Diferentemente da língua falada, a língua escrita não é uma capacidade inata, um instinto, mas se trata de uma invenção humana, sendo chamado por





alguns de um produto sócio-cultural, cuja origem remonta a um passado relativamente recente, se considerar as dezenas de milhares de anos pelos quais se estende o progresso intelectual da humanidade, neste sentido, tendo que ser ensinada e aprendida, demandando outras habilidades do aprendiz PACHECO (2008).

Para Miranda (2012) a:

aquisição da fonologia da língua, pode ser entendida como um processo que, em seu desenrolar, complexifica e completa as representações lexicais, tanto a partir da introdução de especificações à grade melódica como de reformulações ao esqueleto prosódico, para que a gramática da criança possa se desenvolver na direção da língua alvo. Deste ponto de vista, duas questões relevantes para os estudos da aquisição fonológica são contempladas: um referente ao modo como a estrutura interna do segmento vai sendo construída e outra, à forma como a estrutura silábica CV vai sendo desdobrada em outras mais complexas como, por exemplo, CVC e CCV. (MIRANDA, p. 123, 2012)

Então, a diferença que existe entre a língua escrita e a língua falada pode ser compreendida se se considerar a principal função da ortografia, que, de acordo com Cagliari (2000), é neutralizar a variação linguística.

Considerando que as línguas faladas são línguas vivas, e, portanto, todas as línguas apresentam variações dialetais, seria estranho e um tanto quanto confuso escrever uma palavra de diferentes formas. Assim, Pacheco (2008), norteia esse saber direcionando a função à ortografia, ou seja, cabe a ortografia neutralizar todas essas variações dialetais e apresentar uma única forma de escrita, que deverá ser lida pelo leitor de acordo com o seu dialeto.

## **A Escrita: um marco da humanidade**

O surgimento da escrita é um marco na história da humanidade. Para Pacheco (2008), a escrita faz de tal modo parte de nossa civilização que poderia servir de definição dela própria. Essa afirmativa tanto o é que historicamente, há uma divisão na história da humanidade em antes e depois da escrita.



Muitos são as hipóteses do surgimento da escrita, onde alguns apontam para a questão econômica, onde necessitava ter registros das transações realizadas na época, outros no mapeamento da fala como marca cultural, fato é que é quase unânime a alegação de que a escrita é mais conservadora que a fala, ao passo que a língua oral é mais dinâmica (PACHECO, 2008).

Estas diferenças entre fala e língua, são relevantes não só ao nível de entendimento de aspectos relevantes da escrita ortográfica, como também para se compreender a maneira como evolui a construção de um sistema de escrita por parte do aprendiz (DE OLIVEIRA, 2005).

Para olhar a escrita é preciso ter a consciência de que ela é um campo vasto a ser explorado, se de um lado a fala é espontânea, por outro lado a escrita e seu domínio, não acontece de forma simples, pois a aquisição dos signos de forma visuais, entende-se por signos o mesmo que letras, não é o suficiente, pois a apropriação da escrita exige que o aprendiz se aproprie da subjetividade desse código, só assim haverá uma eficiente correspondência entre fonema e grafema (PRISCO, 2012).

Para Miranda (2012), as mudanças verificadas no conhecimento linguístico das crianças, “bem como a construção desse conhecimento, podem ser captadas por meio da análise dos erros produzidos pelos aprendizes durante o processo de aquisição da linguagem, seja oral, seja escrita”, vindo de encontro, De Oliveira (1990), aponta algumas complementações que a teoria Piagetiana apontam:

Na teoria de Piaget, o caminho em direção a este conhecimento objetivo não é linear: não nos aproximamos dele passo a passo, juntando peças de conhecimento umas sobre as outras, mas sim através de grandes reestruturações globais, algumas das quais são “errôneas” (no que se refere ao ponto final), porém “construtivas” (à medida que permitem ascender a ele). Esta noção de erros construtivos é essencial. Para uma psicologia piagetiana, a chave é poder distinguir, entre os erros aqueles que constituem pré-requisitos necessários para a obtenção da resposta correta. (DE OLIVEIRA, p. 35, 1990)





Olhar para o erro como um processo, uma fase, no desenvolvimento da escrita, é olhar para as hipóteses e acertos que levaram o aprendiz até onde chegou. Por traz de todo erro existe uma construção de conhecimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Língua no contexto social é um tema fundamental para compreendermos a importância da comunicação na vida em sociedade. A língua é muito mais do que um conjunto de regras gramaticais, é uma forma de expressão cultural que ajuda a construir identidades individuais e coletivas. A forma como nos comunicamos reflete nosso contexto social, nossos valores, crenças e relações de poder. É por meio da língua que transmitimos conhecimento, promovemos inclusão e estabelecemos conexões entre os indivíduos.

Ao analisarmos a fala de forma heterogênea, percebemos que existe uma grande diversidade linguística no mundo. Cada grupo social possui suas próprias formas de falar, com vocabulário, ritmo, entonação e gírias próprias. Essa diversidade é resultado de diversos fatores, como a história, geografia, cultura e contato com outras línguas. No entanto, é importante ressaltar que todas as formas de fala são igualmente válidas, pois representam diferentes maneiras de se comunicar e expressar.

A escrita é um marco da humanidade, pois representa o momento em que o homem conseguiu registrar e transmitir informações de forma duradoura. A escrita foi um grande avanço na história da linguagem, permitindo um maior acúmulo de conhecimento, o desenvolvimento da ciência, a transmissão de culturas e a perpetuação das experiências humanas ao longo do tempo. A escrita também democratizou o acesso à informação, tornando possível a comunicação entre pessoas de diferentes gerações, culturas e continentes. É por meio da escrita que podemos nos comunicar com pessoas que nunca conheceremos, rompendo as barreiras do tempo e do espaço.



Em suma, a língua é essencial para a comunicação e construção de identidades; a análise heterogênea da fala evidencia a diversidade linguística do mundo e a escrita representa um avanço histórico no registro e transmissão de informações. Todos esses aspectos são fundamentais para refletirmos sobre a complexidade e importância da linguagem humana.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 11 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.
- BARBIRATO, F.; DIAS, G. **A mente do seu filho**. Agir, 2011.
- BONÁCIO, D. **É preciso reinterpretar o conceito de fato social em Saussure?**. ALFA: Revista de Linguística, v. 65, 2021.
- BUSSE, S. **Variação linguística e ensino: os desafios do ensino de Língua Portuguesa**. In: COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição (orgs.). **Práticas sociais de linguagem: reflexões sobre a oralidade e escrita no ensino**. Campinas: Mercado de letras, 2015.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.
- CAGLIARI, L. C. Variação e preconceito. **TEXTURA-Revista de Educação e Letras**, v. 2, n. 2, 2000.
- COSERIU, E. **Sincronia, Diacronia e História: El problema Del Cambio lingüístico**. Madrid: Gredos, 1988.
- FARACO, C. A. **Linguagem escrita e alfabetização**. São Paulo: Contexto, 2012.
- KATO, M. A. (1987). **No Mundo da Escrita: uma perspectiva psicolinguística**. S. Paulo: Editora Ática.
- MIRANDA, A. R. M. **Reflexões sobre a fonologia e a aquisição da linguagem oral e escrita**. **Veredas-Revista de Estudos Linguísticos**, v. 16, 2012.
- OLIVEIRA, M. A de. **Conhecimento lingüístico e apropriação do sistema de escrita**. 2005.
- PACHECO, V. **Evidências do funcionamento da língua oral no texto escrito**. **Revista Intersecções**, v. 1, n. 1, p. 55-69, 2008.



# Congresso Internacional de Educação

Formação de professores e professoras para a educação  
básica, diversidade, tecnologias e pesquisa científica

1º Congresso Internacional de Educação



01 a 06 de Junho de 2023



FACULDADE  
ASSIS GURGACZ  
TOLEDO



POS-GRADUAÇÃO  
(LACTEUS)



PINKER, S. **Language as an adaptation to the cognitive niche.** (Ed.). Language evolution: states of the art. New York: Oxford University Press, 2003.

PRISCO, A. C. et al. **Retrospectiva dos estudos sobre alterações de linguagem escrita: como o diálogo entre psicanálise e fonoaudiologia pode afetar o entendimento do tema.** 2012.

ROJO, R. **As relações entre fala e escrita: mitos e perspectivas.** Belo Horizonte, MG: CEALE, Rede Nacional de Centros de Formação Continuada, MEC, v. 1, 2006.